

TRADUÇÃO OU MULTILINGUISMO

Maria Joana Gomes e Mariana Leite*

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto

Iberian Babel: Translation and Multilingualism in the Medieval and the Early Modern Mediterranean, edited by Michelle M. Hamilton and Nuria Silleras-Fernandez, *The Medieval and Early Modern Iberian World*, vol. 82, Leiden/Boston, Brill, 2022, 200 pp, ISBN 9789004464094 (hardback), ISBN 9789004513563 (e-book).

A investigação do multilinguismo no mundo medieval e moderno tem engendrado a publicação de vários estudos na última década. Este interesse tem sido motivado por vários fatores, entre os quais podemos destacar três. Primeiramente, há uma tomada de consciência por parte da comunidade académica de que as dicotomias linguísticas comumente entendidas como características do período escondem, de facto, uma realidade mais complexa e não linear no que diz respeito ao conhecimento e uso de línguas. No contexto medieval e moderno, reconhece-se que a diversidade e a não linearidade das interações linguísticas constituem elementos intrínsecos às suas dinâmicas políticas, sociais e culturais. Em segundo lugar, há que notar que a presença de um conjunto diversificado de enunciados linguísticos em várias áreas do conhecimento, na documentação e em vários géneros literários, não apenas reflete a coexistência de comunidades linguisticamente diversas, mas também as dinâmicas associadas a migrações, viagens, conquistas e perdas territoriais e intercâmbios culturais (sejam eles forçados ou não). O crescente interesse pelo estudo das comunidades ditas marginais, muitas das quais contam com membros bilingues ou trilingues e que acabam por desempenhar papéis determinantes na transmissão cultural e na intermediação social e política, torna essencial o estudo da relação entre as línguas por elas faladas e as de outras comunidades e instituições sociais. Por fim, a importância dada ao estudo das redes como parte integrante da história intelectual, política e social, obriga a ter em conta o papel dos tradutores, intérpretes, diplomatas, e outras figuras no contexto de produção escrita do mundo ibérico.

A obra *Iberian Babel*, editada por Michelle M. Hamilton e Nuria Silleras-Fernandez, constitui a mais recente contribuição para o estudo do multilinguismo e da tradução na Idade Média e no início da Idade Moderna no espaço mediterrânico ocidental. O livro é composto por uma introdução cuidadosamente elaborada pelas duas editoras, seguida por oito artigos, a maioria dos quais da autoria de académicos norte-americanos especializados na Ibéria medieval e moderna, como é claro pela leitura das minibiografias dos autores colocadas antes da introdução. Esta proporciona um enquadramento teórico delineando os propósitos gerais do livro e destacando a complexidade do multilinguismo e em particular da sua relação com a

* mjgomes@letras.up.pt e msleite@letras.up.pt

tradução, incluindo, na parte final, resumos detalhados de cada um dos artigos. O volume integra ainda algumas ilustrações a cores, o que enriquece a experiência de leitura, pois proporciona uma representação visual de alguns dos elementos referidos nos textos. Por fim, o índice final é bastante completo, o que auxilia na busca de um tema ou de um autor em específico. É evidente que um tema como o proposto é extremamente vasto, pelo que se compreende a opção por estudos de caso que possam oferecer uma visão panorâmica; no entanto, cremos que o afinilamento de cada um dos capítulos não permite realmente obter a visão de conjunto que a introdução – e até o título do volume – prometem.

Primeiramente, as relações interlinguísticas centram-se, na grande maioria dos casos, no estudo de uma tradução operada entre duas línguas, sobretudo no árabe e vernáculos peninsulares, sendo a excepção o capítulo de Jason Busic (*A Clear Book*, كتاب مبین. *Translating the Psalms and Christian Identity into the Language of the Qur'ān in Ninth-Century Cordoba*, pp. 15-38), que explora o trabalho de tradução dos Salmos para árabe por Ḥafṣ b. Albar, estando assim em questão a relação entre o latim como língua de partida e o árabe como língua de chegada. Não deixa de ser significativo que o estudo de Noam Sienna (*Ask Now the Beasts and They Shall Teach You. Qalonymos ben Qalonymos and his Hebrew Translation of the Epistle of the Animals*, pp. 105-123) se debruce sobre a tradução para hebraico de um texto árabe, deixando-se assim na sombra as demais traduções de e para esta língua nas demais línguas peninsulares. Porém, mais notório é que, ao fazer-se uma apreciação da cultura de tradução na Ibéria medieval, tantos ângulos sejam desaproveitados. De facto, não encontramos artigos sobre a importância da tradução do latim para vernáculos, ou mesmo do árabe, que parece ser a língua de foco do volume, para latim; de facto, muito tangencialmente, Anita J. Savo (*Translation as Transaction in the Poema de Alfonso Onceno*, pp. 39-57) alude à diglossia detectável no *Poema de Alfonso XI*, onde se coloca tanto o latim como o árabe como línguas de prestígio intelectual. Tampouco uma perspectiva mediterrânica, mesmo que focada no Ocidente, convidou a apreciar as traduções a partir do grego, não só relevantes para o Oriente peninsular como prementes para a compreensão da passagem da Idade Média para a Modernidade.

Os estudos acabam por confluir ‘tradução’ com ‘multilinguismo’ o que, embora seja aplicável naturalmente aos tradutores, acaba por deixar de fora espaços políglotas no território ibérico. De facto, a apreciação de diversas instâncias multilinguísticas nas várias cortes ibéricas medievais eclipsa-se perante o foco na tradução, omitindo a avaliação, por exemplo, da produção literária nas cortes de João II, Manuel I e João III, onde realmente se verifica uma certa diglossia entre português e castelhano, esta última com um estatuto literário mais condigno. Embora seja compreensível que a predominância da corte de Afonso X como exemplo de ambiente multilinguístico em plena Castela ducentista possa ter levado a que se tenha preterido o caso afonsino para destacar exemplos menos conhecidos, a verdade é que a exemplaridade desta corte poderia oferecer diversos ângulos quer para abordar a questão da tradução quer, significativamente, a do multilinguismo, especialmente no que respeita à produção poética.

Outra área linguística que tem bastante destaque neste volume é a região de Aragão/Catalunha. Contexto especialmente apelativo pelo seu contacto privilegiado com o centro e sul do Mediterrâneo, mormente com a Sicília e o Sul de França e com o mundo islâmico. O destaque dado à região como território de aprendizagem de línguas e até de

formação dos tradutores no capítulo já referido de Noam Sienna, a importância da identidade linguística destes na troca de correspondência entre a Coroa de Aragão e o Reino de Granada no excelente capítulo de Roser Salicrú i Lluch (*Between Trust and Truth. Oral and Written Ephemeral Diplomatic Translations between the Crown of Aragon and Western Islam in the Late Middle Ages*, pp. 124-146) e a aproximação por via de traduções francesas de um texto catalão hoje perdido e que, por sua vez, teria sido tradução de um texto árabe (*Translation as the Sincerest Form of Plagiarism. Translation and Linguistic Repatriation in 'Abd Allāh al-Tarjumān's Disputa del ase*, pp. 147-169) da autoria de John Degalais saciam a curiosidade sobre o tópico.

A apreciação das verdadeiras linhagens de tradutores que se formam e circulam no território aragonês, já unido a Castela, ao longo da Idade Moderna, e o seu contacto com o Norte de África, no estudo de Claire Gilbert (*Empire of Translation. Multilingual Administrative Dynasties in Habsburg Spain*, pp. 170-194), novamente parece sucumbir à centralização das relações linguísticas dos territórios ibéricos com o árabe e, mais importante, apenas menciona a competência linguística de tradutores e intérpretes na corte régia espanhola sem, no entanto, sublinhar o estatuto poliglota dos próprios membros da corte que, de resto, permitiria estabelecer ligações com o resto da Europa.

Apesar destas idiosincrasias, que se justificam até pelo escopo tão lato apontado quer pelo título, quer pela introdução, o volume oferece uma interessante aproximação ao problema da tradução e até à reflexão metodológica sobre o processo de transição entre línguas na Ibéria medieval. As ausências que notamos acima no que respeita o plurilinguismo em ambiente cortês são de certa forma sanadas pelo já mencionado trabalho de Anita Savo e ainda o de Emily C. Francomano (*Translation in the Libro de buen amor and the Libro de buen amor in Translation*, pp. 79-104), ambos destacando o reconhecimento da poliglossia em contexto peninsular como elemento estruturante de textos literários. O caso do estudo de Emily C. Francomano revela-se particularmente interessante para tradutores e tradutólogos por não só avaliar o multilinguismo subjacente a alguns episódios do *Libro del Buen Amor* como, sobretudo, ao avaliar também as traduções da obra para inglês.

Pressupondo a historiografia medieval como literatura, o capítulo de Marcelo E. Fuentes (*From Great Muslim Warriors to Good Christian Subjects. Translating and Converting the Iberian Legend of the Infantes of Lara*, pp. 58-78), propõe-se a estudar as várias versões da lenda dos Infantes de Lara desde o seu surgimento na *Estoria de España* afonsina até à sua incorporação na *Crónica de 1344* de Pedro de Barcelos. Aqui, procura-se acima de tudo mostrar como a reescrita desta lenda caminha no sentido de se tornar um instrumento de poder e controlo sobre o Outro muçulmano. Neste particular, pouca atenção é dada às questões relacionadas com a relação entre reescrita e tradução. Sendo este o único artigo que, em alguma medida, trabalha com textos em galego-português, ficamos com a sensação que o assunto poderia ter sido mais bem explorado e mais bem documentado bibliograficamente no que diz respeito a este particular.

Em suma, o volume em questão oferece um conjunto de estudos de qualidade algo desigual relativamente àquele que se anunciou como sendo um dos seus temas centrais: o multilinguismo. Se a importância de uma publicação dedicada a este tipo de assuntos é inquestionável e louvável, a inclusão de mais um ou dois capítulos que contemplassem as interações linguísticas mais deficitárias que fomos apontando ao longo desta revisão no

conjunto dos artigos apresentados teria constituído uma mais-valia para esta publicação. Esperemos que estas observações possam motivar os editores a aprimorar o trabalho em futuras publicações do mesmo tipo e inspirem os autores a persistir na exploração da riqueza e importância da tradução e do multilinguismo no âmbito dos estudos medievais e modernos peninsulares.

Sobre as autoras:

Joana Gomes holds a PhD in Medieval Literature (2017) and is currently a junior researcher at Instituto de Filosofia. Her main research project deals with the representation of political power of women in medieval historiography. Her diverse interests span medieval translation, cinema, and the Middle Ages, reflecting a multifaceted passion for exploring.

Mariana Leite Mariana Leite é Doutora em Literatura (U. Porto, 2013) com uma tese sobre a recepção portuguesa da *General Estoria*. Concluiu um pós-doutoramento (2023) sobre a presença da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor em Portugal. A sua investigação centra-se na presença de fontes para crónicas universais (sobretudo bíblicas e clássicas) na cultura medieval portuguesa.